

## **O PENSAMENTO LACANIANO E O ESTRUTURALISMO REATIVADO: HIPÓTESES A PARTIR DE *O DESEJO DE PSICANÁLISE***

LACANIAN THOUGHT AND RELOADED STRUCTURALISM: HYPOTHESIS FROM  
*THE DESIRE OF PSYCHOANALYSIS*

José Mauro Garboza Junior<sup>1</sup>  
Luiz Guilherme Nunes Cicotte<sup>2</sup>

**Resumo:** Atualmente se configura como um grande desafio a reflexão crítica sobre a psicanálise lacaniana a partir da hipótese de que o “desejo de psicanálise” como constitutivo do procedimento analítico. Esse desejo se refere a uma dimensão que a transcende e que resiste à sua codificação teórica e institucional. Ao articular essa noção ao legado estruturalista, sustentando que a psicanálise lacaniana ainda carrega a atualidade desse espírito crítico, sobretudo quando se reconhece sua natureza histórica e dialética, o presente artigo analisa como a lógica do significante se mobiliza para evidenciar os limites da metapsicologia e da institucionalização psicanalítica, com destaque para ao embate sobre seu sentido nos anos de 1960. Também procura identificar na expansão teórica promovida inicialmente, ao tentar universalizar a lógica do significante para além da clínica, o surgimento de uma ideologia lacaniana fechou o pensamento psicanalítico em si mesmo. A crítica à separação entre práticas teóricas autônomas reforça a tese de que tal universalização conduz a um risco metafísico e obscurece a produtividade de outros campos discursivos. Conclui-se que se deve em vez de propor um retorno dogmático a Jacques Lacan, é preciso realizar uma reativação crítica do estruturalismo como forma de abrir a psicanálise a seus próprios impasses, sendo capaz de psicanálise lacaniana em sua capacidade de se renovar, mantendo viva sua tensão constitutiva entre linguagem, prática clínica e política do saber. Como metodologia, resgataremos as discussões apresentadas que envolvem três dos autores: Alain Badiou, Jacques-Alain Miller e Jacques Lacan. A estratégia expositiva será reconstruir, a partir da discussão entre Badiou e Miller na década de 1960, a problemática da fundamentação da lógica do significante.

**Palavras-chave:** Filosofia Francesa Contemporânea; Política da Psicanálise; Psicanálise contemporânea.

**Abstract:** Currently, a major challenge lies in the critical reflection on Lacanian psychoanalysis based on the hypothesis that the "desire for psychoanalysis" is constitutive of the analytical procedure. This

<sup>1</sup> Doutor em Ciência Jurídica pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Jurídica da Universidade Estadual do Norte do Paraná (PPGCJ-UENP). Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina (PPGFil-UEL). Professor da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). OrcID: 0000-0002-8566-2294. Contato: garbozajm@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre e doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Estadual de Londrina (PPGFil-UEL). Bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, processo número: 88887.829649/2023-00. Professor de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Campus Londrina (PUC-PR). OrcID: 0000-0003-3600-3353. E-mail: luizcicotte@gmail.com.

JOSÉ MAURO GARBOZA JÚNIOR  
LUIZ GUILHERME NUNES CICOTTE

desire refers to a dimension that transcends psychoanalysis and resists its theoretical and institutional codification. By articulating this notion with the structuralist legacy—arguing that Lacanian psychoanalysis still bears the relevance of this critical spirit, especially when its historical and dialectical nature is acknowledged—this article analyzes how the logic of the signifier is mobilized to reveal the limits of metapsychology and the institutionalization of psychoanalysis, with special attention to the debate on its meaning in the 1960s. It also seeks to identify how the theoretical expansion initially promoted—by attempting to universalize the logic of the signifier beyond the clinical domain—gave rise to a Lacanian ideology that ultimately enclosed psychoanalytic thought within itself. The critique of the separation between autonomous theoretical practices reinforces the thesis that such universalization leads to a metaphysical risk and obscures the productivity of other discursive fields. It is concluded that, rather than proposing a dogmatic return to Jacques Lacan, a critical reactivation of structuralism is necessary as a means to open psychoanalysis to its own impasses—thereby enabling Lacanian psychoanalysis to renew itself while maintaining its constitutive tension between language, clinical practice, and the politics of knowledge. As a methodological approach, this study will revisit discussions involving three key authors: Alain Badiou, Jacques-Alain Miller, and Jacques Lacan. The expository strategy will be to reconstruct, from the debate between Badiou and Miller in the 1960s, the issue of the foundations of the logic of the signifier.

**Keywords:** Contemporary French Philosophy; Contemporary Psychoanalysis; Politics of Psychoanalysis.

## Introdução

Em outubro de 2024 foi publicada no Brasil a tradução de *O desejo de psicanálise: exercícios de pensamento lacaniano*, de Gabriel Tupinambá, inicialmente lançado em 2021. Nele, a partir de alguns autores-chave como Alain Badiou, Jacques-Alain Miller, Jacques Lacan, Kojin Karatani e Louis Althusser, Tupinambá faz um exercício de pensamento psicanalítico a partir de uma hipótese principal “de que o desejo de psicanálise é uma dimensão constitutiva do procedimento analítico” (TUPINAMBÁ, 2024, p. 25).

Esse desejo de psicanálise se refere não ao que é comum entre analisandos e analistas ou algum tipo de ideal que os analistas devem se esforçar para aplicar em sua prática, “mas àquilo na psicanálise que permanece ‘outro’ ao estado atual de seu próprio pensamento” (TUPINAMBÁ, 2024, p. 24). Tal desejo de psicanálise se configura como um desejo moldado pelo jogo dialético entre o que já se conhece sobre o objeto da psicanálise e aquilo que o transcende, em um movimento que não apenas expressa a historicidade do pensamento psicanalítico, mas também entrelaça, em um circuito complexo, os resultados da prática clínica, os limites atuais da metapsicologia e os mecanismos institucionais de reconhecimento entre analistas.

Os já supracitados autores, com exceção de Karatani, que Tupinambá mobiliza para sua argumentação são conhecidos e articulados como nomes do movimento que ficou

conhecido como Estruturalismo (DOSSE, 1993, p. 23-207, 221-384; 1994, p. 131-218, 221-229). A título de posicionamento do que se poderia entender por estruturalismo, acompanharemos aqui Gilles Deleuze em “Como reconhecer o estruturalismo”. Mais do que defini-lo, podemos entender estruturalismo como uma espécie de espírito do tempo (DERRIDA, 1995, p. 13), de extrema diversidade de domínios, que “encontram problemas, métodos, soluções com relações de analogia, como que participando de um livre ar do tempo, de um espírito do tempo, mas que se avalia pelas descobertas e criações singulares em cada um desses domínios” (DELEUZE, 1995, p. 257). No entanto, mais do que se estender a outros domínios, não é apenas da analogia que se trata, nem de instaurar métodos que sejam equivalentes aos domínios que foram inicialmente bem-sucedidos. Segundo Deleuze, só há estrutura do que é linguagem, independentemente de ser uma linguagem esotérica ou não-verbal; só há estrutura do inconsciente uma vez que o inconsciente fala e é linguagem; só há estrutura dos corpos uma vez que estes falam com os sintomas: “As próprias coisas só têm estrutura por possuírem um discurso silencioso que é a linguagem dos signos” (DELEUZE, 1995, p. 258).

Tendo definido o que acompanharemos por estruturalismo e por desejo de psicanálise, quando pensamos em uma das próprias máximas lacanianas, resumida na fórmula de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, podemos levantar a hipótese de que a própria psicanálise lacaniana mantém a atualidade do estruturalismo. A hipótese do presente texto é de que o livro de Tupinambá reaviva o debate estruturalista com contornos contemporâneos a partir da própria psicanálise lacaniana. Como metodologia, resgataremos algumas discussões apresentadas que envolvem três dos autores: Alain Badiou, Jacques-Alain Miller e Jacques Lacan. A estratégia expositiva será reconstruída a partir da discussão entre Badiou e Miller, na década de 1960, sobre a problemática da fundamentação da lógica do significante.

## **1 Alguns impasses da ideologia lacaniana acerca do significante**

Uma das discussões apresentadas é a chamada ideologia lacaniana, que de forma resumida, seria a extrapolação dos domínios da psicanálise lacaniana para os demais domínios

JOSÉ MAURO GARBOZA JÚNIOR  
LUIZ GUILHERME NUNES CICOTTE

(TUPINAMBÁ, 2024, p. 59). Nesse sentido, a questão da ideologia lacaniana apresenta alguns impasses frente às dimensões que constituem o procedimento psicanalítico, a clínica, a metapsicologia e as instituições lacanianas (ZIZEK, 2022, p. 101-185).

Segundo Tupinambá (2024, p. 48), esses impasses podem ser chamados de “limites”, pois definem as fronteiras dentro das quais a psicanálise opera de forma efetiva. Contudo, também podem ser denominados problemas do “pensamento” lacaniano, já que não se restringem a um domínio específico da psicanálise, mas dizem respeito ao conjunto do procedimento, embora se tornem mais evidentes em determinados aspectos do dispositivo como um todo. Pensamento aqui toma um caráter bastante específico e importante. Acompanhando Badiou, pensamento seria aquilo que aparece sem distinção entre a teoria e a prática de um determinado campo.

Chamo de pensar a unidade não dialética ou inesperável entre uma teoria e uma prática. Para que se possa entender tal unidade, o exemplo mais simples é o da ciência; na física, há teorias, conceitos e fórmulas matemáticas e também há aparatos técnicos e experimento. Porém, a física como um pensar não separa os dois. Um texto de Galileu ou de Einstein circula entre conceitos, matemática e experimentos, e essa circulação é o movimento de um pensar único (BADIOU, 2004, p. 79).

No que concerne a questão da ideologia lacaniana e o campo teórico, Tupinambá (2024, p. 49) argumenta que os desafios que interessam talvez sejam os mais facilmente ignorados, pois os lacanianos, já criaram ferramentas eficazes para minimizar sua importância. Por exemplo, pode-se questionar por que a psicanálise lacaniana não gerou autores inovadores, como ocorreu com o marxismo. Embora Marx e Lênin, Freud e Lacan avancem em pares, a trajetória do marxismo está repleta de outras figuras que, ao explorar as peculiaridades do momento histórico e desenvolver aspectos pouco trabalhados da teoria, ajustaram e transformaram a doutrina básica enquanto mantinham um diálogo constante com os pensadores originais (ALTHUSSER, 1985, p. 47-93).

Apesar de suas diversas limitações, o marxismo produziu contribuições que dialogam tanto com a interpretação de Marx quanto com intervenções na realidade social. Em contraste, parece que, na psicanálise lacaniana, apenas se formula novas proposições teóricas, sem reivindicar mudanças na prática clínica (OTA, 2011, p. 140). Além disso, há uma incapacidade de transformar o alcance clínico, já que se finge que tudo já foi plenamente esclarecido nos textos de Freud e Lacan (TUPINAMBÁ, 2024, p. 50). Simultaneamente, é

comum desmerecer o próprio desafio de formular novas ideias na psicanálise lacaniana, primeiro rotulando essa necessidade como uma questão de vaidade e, em seguida, invocando novamente um “retorno a Lacan” para descobrir, nas entrelinhas de sua obra, a semente de todas as possíveis inovações (ZIZEK, 2010, p. 12-13). Mas será que todo desejo por novidade na psicanálise lacaniana deve ser visto como uma traição a Lacan?

Radicalizando o problema da ideologia lacaniana, a psicanálise lacaniana senta-se de maneira comodamente em uma cadeira de juíza da validade de diversos outros campos do pensamento (TUPINAMBÁ, 2024, p. 50). Ela tem uma própria teoria de como a ciência foraclui o sujeito, de como a política só pode ser pensada a partir de ideias infantis e perigoso, de como os poetas anteciparam de alguma forma o inconsciente. Para além desses pontos, ela dispensa aquilo que artistas, cientistas e militantes poderiam ensinar de novo, devido ao fato paradoxal, de que já fora incorporado seus *insights* no seu próprio campo (TUPINAMBÁ, 2024, p. 50). Para dizer de outra forma, a psicanálise lacaniana julga os outros campos, à medida em que estes não têm nada de novo a ensiná-la, uma vez que ela já permitiu algumas entradas em seu fazer.

Esses impasses tem por fundamento contextualizar suas próprias afirmações a respeito da psicanálise: 1) é fundamental compreender a psicanálise como um pensamento, ou seja, como um processo que abrange dimensões clínica, metapsicológica e coletiva, sem se reduzir a nenhuma delas isoladamente, nem a um estado específico de sua articulação; 2) é necessário abandonar a estratégia que fora utilizada até o ponto atual: chegará o momento em que o retorno a Lacan deixará de ser suficiente como fundamento para que se continue lacaniano no sentido essencial do termo – ou seja, para que se continue a ser, verdadeiramente, psicanalistas (TUPINAMBÁ, 2024, p. 51).

Apesar de termos caracterizado até aqui alguns impasses e aspectos do que estamos chamando de ideologia lacaniana, podemos nos perguntar: 1) o que entendemos por ideologia lacaniana? 2) qual o contexto de sua formação? 3) como ela surge?

## 2 A lógica da ideologia lacaniana

A construção do argumento da chamada ideologia se inicia a partir da ruptura de Lacan com a *International Psychoanalytic Association* (IPA) na década de 1960 (LACAN,

1985, p. 9-20). Tal ruptura, argumenta Tupinambá, é o ponto de partida adequado que envolve uma polêmica teórica envolvendo dois de seus alunos, Alain Badiou e Jacques-Alain Miller, e o Círculo de Epistemologia que era um grupo formado com o intuito de integrar a psicanálise em um projeto teórico mais amplo (TUPINAMBÁ, 2024, p. 53). Nesta época, a formalização de Miller dos princípios básicos da psicanálise lacaniana não fora simplesmente uma boa representação mesma da posição de Lacan, mas também influenciou o próprio Lacan nos anos vindouros. Mesmo o projeto do Círculo não sendo propriamente correspondente ao pensamento de Lacan, uma vez que o grupo se preocupava em incluir a psicanálise em um campo mais amplo de disciplinas como política e ciência, conforme Gaston Bachelard (1996, p. 133-183) e Louis Althusser (2015, p. 133-164) lembravam, uma das principais formas de tornar a ciência uma ideologia, ou seja, era “*generalizar uma tese para fora de seu próprio domínio*” (TUPINAMBÁ, 2024, p. 53, grifos originais).

No início da apresentação do argumento, o Tupinambá mostra como o próprio Miller apresentou seu projeto intitulado “Ação da estrutura”, dizendo ser possível articular os discursos sobre a sobredeterminação presentes no marxismo e no freudismo. Essa possibilidade surgiria porque Althusser libertou o marxismo de uma visão que reduz a sociedade a um sujeito histórico, enquanto Lacan desvinculou a psicanálise de uma interpretação psicológica do indivíduo (MILLER, 1968, p. 103). Com essas transformações, as teorias de Marx e Freud poderiam ser integradas por meio de relações reguladas, permitindo a construção de um discurso teórico unificado (TUPINAMBÁ, 2024, p. 54).

Tupinambá destaca o fato de o Círculo tomar Althusser como interlocutor primordial de Lacan e que tal campo fundamental esperava que a psicanálise aproximasse do da política, especialmente da política marxista (ALTHUSSER, 1985, p. 51-71). Ademais, ambos discursos (psicanálise e política) deveriam relacionar-se por meio de tais transformações reguladas, o que levantaria a questão do que determina essas regulações e do que rigorosamente permitiria tal discurso teórico unitário. Segundo essa indicação, uma primeira pista remonta na própria formulação, já que se trata tanto da psicanálise quanto da política tomados como discursos e, nesse sentido, seja o que for aquilo que as mediaria, deveria ser uma espécie de teoria geral da discursividade (TUPINAMBÁ, 2024, p. 54).

É no texto de Miller intitulado “Sutura (elementos de uma lógica do significante)”, que ele apresenta a ideia original e a resposta procurada se apresenta:



JOSÉ MAURO GARBOZA JÚNIOR  
LUIZ GUILHERME NUNES CICOTTE

O que estou buscando restaurar, reunindo indicações dispersas pelo trabalho de Jacques Lacan, deve ser designado como a lógica do significante – é uma lógica geral na medida em que seu funcionamento formal em relação a todos os campos do conhecimento, incluindo a psicanálise, que, adquirindo aí uma especificidade, governa; é a lógica mínima na medida em que nela são dadas apenas aquelas peças necessárias para assegurar uma progressão reduzida a um movimento linear, uniformemente gerado a cada ponto de sua sequência necessária (MILLER, 2012, p. 80 apud HALLWARD; PEDEN, 2012, p. 80)

A chamada “lógica do significante” surgiu de um esforço para estabelecer vínculos entre a psicanálise e outros campos do saber e da prática, e não como uma elaboração exclusivamente interna à própria psicanálise. Nesse contexto, ela assume o papel de um “discurso teórico unificado”, idealizado por Miller e pelo Círculo de Epistemologia como um instrumento para orientar a maneira como distintos discursos deveriam se articular entre si (TUPINAMBÁ, 2024, p. 54-55). No entanto, uma análise mais detalhada revela outra característica importante dessa lógica: embora pretenda estabelecer um elo entre Freud e Marx, essa articulação ocorre de forma desigual. Isso porque a lógica do significante foi construída a partir da organização de “indícios dispersos na obra de Jacques Lacan” (MILLER, 1964, p. 38), ou seja, elaborada no interior da psicanálise com o intuito de disciplinar sua interlocução com áreas externas. Essa assimetria, por si só, não constitui um problema, há muitos elementos na psicanálise que poderiam ser estendidos além de seus contextos originais sem perder consistência. O ponto central está em compreender o modo como essa extensão é realizada.

Basta destacar a estratégia engenhosa adotada por Miller: sua tarefa consistia em demonstrar que a lógica do significante possui uma amplitude e uma força conceitual suficientes para se posicionar “acima” tanto da psicanálise quanto do marxismo (TUPINAMBÁ, 2024, p. 55). Isso é particularmente significativo, considerando que esses dois campos já se constituem como discursos altamente abrangentes, dada a complexidade e o alcance de seus respectivos objetos (MILLER, 1969, p. 93).

Na sequência, a linha argumentativa desenvolvida por Miller é construída, organizando-a em cinco etapas sustentar que: (1) a matemática constitui uma forma de discurso extremamente abrangente, que não se vincula a objetos específicos, mas sim a relações e às interconexões entre essas relações – definição que pode ser exemplificada pelos trabalhos de Robert Blanché (1965, p. 20-64). No entanto, esse argumento inicial não basta, e Miller avança em sua proposta ao adotar a perspectiva logicista, particularmente a de Gottlob Frege, para afirmar que: (2) os conceitos fundamentais da matemática (especialmente os da

aritmética e da teoria dos números) têm origem em leis puramente lógicas do pensamento (FREGE, 2023, p. 246-266). Dessa forma, a célebre tentativa de Frege de fundamentar a matemática na lógica serviria como modelo para compreender a base que sustenta esse já imenso universo discursivo que é o da matemática (TUPINAMBÁ, 2024, p. 55-56).

Nesse ponto, Miller volta-se para a análise de Frege, e sustenta que: (3) para elaborar o conceito de zero, o filósofo teve que recorrer a uma contradição – um elemento que, por definição, não é idêntico a si mesmo. Esse elemento paradoxal, embora necessário para a formulação do zero, não pode integrar o sistema discursivo que Frege pretendia estabelecer. Em outras palavras, Frege definiu o “zero” como um conceito cuja extensão é vazia, isto é, como correspondente ao conjunto de “coisas que não são idênticas a si mesmas” (FREGE, 2023, p. 258). Ainda assim, mesmo sendo imprescindível para a construção conceitual, esse elemento contraditório é excluído da lógica pura por ser inconsistente com seus princípios fundamentais. Ao reconhecer essa contradição presente na própria origem da fundamentação lógica da teoria dos números em Frege, Miller propõe que: (4) a lógica do significante, conforme articulada por Lacan, tem a capacidade de incorporar essa contradição que foi suprimida na arquitetura conceitual fregeana (MILLER, 1964, p. 47). Assim, considerando que a matemática é um discurso de natureza geral, que a lógica de Frege oferece sua base conceitual e que a lógica do significante consegue formalizar até mesmo o elemento contraditório que escapa à lógica tradicional, então: (5) a lógica do significante pode ser compreendida como a forma discursiva mais ampla de que dispomos. É a partir dessa conclusão que Miller faz sua afirmação provocativa de que a lógica do significante seria, em última instância, a “*lógica da origem da lógica*” (TUPINAMBÁ, 2024, p. 56, grifos originais).

O ponto central da estratégia adotada consiste, fundamentalmente, em substituir conexões entre diferentes domínios do saber por uma ampliação de um único campo teórico (TUPINAMBÁ, 2024, p. 56). Isso se justifica pelo fato de que Miller não procurou um terceiro discurso que pudesse funcionar como mediador entre a psicanálise e o marxismo. Em vez disso, ele buscou, dentro da própria psicanálise, os elementos necessários para promover essa expansão conceitual. Já a lógica implicada nesse campo seria tão abrangente que conseguiria englobar tanto o cálculo proposicional quanto os fundamentos do discurso marxista (TUPINAMBÁ, 2024, p. 56-57).



JOSÉ MAURO GARBOZA JÚNIOR  
LUIZ GUILHERME NUNES CICOTTE

Segundo Tupinambá, tal estratégia não foi uma invenção própria de Miller, mas algo que ele identificou já presente em Frege, o qual interpretava suas descobertas nesse mesmo sentido. Frege acreditava que, em sua época, os fundamentos da teoria dos números ainda eram frágeis: mesmo com a recente proposta de axiomatização da aritmética por Peano, os conceitos de “número”, “zero” e “sucessor” permaneciam nebulosos (BADIOU, 2008, p. 46-51). Assim, o esforço de ancorar esses conceitos em princípios puramente lógicos foi uma empreitada crucial. Esse movimento teve o mérito de libertar a matemática de certas limitações impostas externamente, como as estabelecidas por Leopold Kronecker, que diferenciava substancialmente os números naturais – supostamente “criados por Deus” – de outras categorias numéricas que seriam invenções humanas (BONIFACE, 2005, p. 144; FERREIRÓS, 2007, p. 32-38).

A proposta de Frege, ao situar os fundamentos da aritmética nas “leis puras do pensamento”, teve, portanto, um duplo efeito (TUPINAMBÁ, 2024, p. 57). Por um lado, exerceu um papel crítico, ao demonstrar que é possível transitar lateralmente entre diferentes domínios formais (como a teoria dos números e a lógica) em vez de recorrer a campos não formais e externos para justificar conceitos matemáticos. A partir disso, o conceito de número passou a ser articulado com uma teoria rigorosa da cardinalidade, o zero com a ideia da existência necessária de um conjunto vazio, e a noção de sucessão com o princípio lógico de consequência. Por outro lado, a própria filosofia de Frege acabou obscurecendo esse trânsito lateral, ao insistir que tal deslocamento não era horizontal, mas sim vertical, um movimento “para baixo”, rumo a um fundamento mais profundo.

Apesar de a psicanálise adotar uma postura crítica em relação ao projeto fregeano, o logicismo defendido por Frege permanece como elemento central na proposta de Miller (MILLER, 1964, p. 46). Isso porque, sem assumir o logicismo como decorrência inevitável da construção conceitual de Frege, não seria possível sustentar que se alcança um discurso mais abrangente que o da matemática ao retroceder até seus fundamentos lógicos, nem tampouco que, ao abordar aquilo que a lógica é incapaz de pensar, se atinge aquilo que Miller chama de “lógica da origem da lógica”. No entanto, ao adotar essa perspectiva, Miller nos conduz a pelo menos duas implicações significativas. A primeira é que, a partir da generalização do modo de funcionamento da psicanálise para além de sua prática clínica, torna-se legítimo afirmar que ela oferece a base para um “discurso teórico unificado”. A segunda consequência é a confirmação de um princípio mais amplo: a ideia de que “*sempre nos aproximamos do que é*

*‘mais real’ ou fundamental quando encontramos uma inconsistência em um discurso”* (TUPINAMBÁ, 2024, p. 58).

Um aspecto particularmente relevante a ser destacado é o modo como um problema de natureza lógico-filosófica acaba sendo levado ao campo da prática psicanalítica (TUPINAMBÁ, 2024, p. 59). No contexto clínico, essa noção frequentemente se confirma quando um paciente, por exemplo, relata com precisão os acontecimentos de seu dia ou lê uma lista de compras de forma coerente, essa consistência discursiva pode ser interpretada como um esforço para eliminar contradições significantes em sua fala. A questão se complica, porém, quando esse princípio (válido no âmbito analítico) é estendido a todas as formas de discurso, assumindo ares de uma restrição ontológica geral. Quando a fórmula “mais consistência equivale a menos desejo” é deslocada de seu contexto específico da clínica psicanalítica, e aplicada indiscriminadamente como uma matriz ontológica totalizante, essa generalização precisa ser nomeada com precisão (TUPINAMBÁ, 2024, p. 59).

Por fim, outra implicação decorrente da proposta de Miller, e antecipada pela primeira, é a exigência de que se atribua um logicismo necessário a toda filosofia da ciência (TUPINAMBÁ, 2024, p. 59). Isso significa que, independentemente dos rumos atuais da lógica matemática, a adoção da lógica do significante como estrutura teórica geral pressupõe também que a lógica continue sendo vista como a base fundamental das matemáticas. Como desdobramento dessa posição, os psicanalistas tendem a encarar com desconfiança os desenvolvimentos mais recentes tanto da matemática quanto das ciências em geral, pois a ampliação do pensamento racional estruturado e coerente sempre poderá ser interpretada, ao menos do ponto de vista da psicanálise, como uma manifestação inconsciente de desejo de eliminação do sujeito do inconsciente (TUPINAMBÁ, 2024, p. 59).

### **3 Contra a generalização imprópria da lógica do significante**

Segundo Tupinambá (2024, p. 59), “Sutura” foi amplamente reconhecida como uma das primeiras grandes formulações do pensamento lacaniano feitas por alguém que não o próprio Lacan. A recepção foi, em geral, bastante positiva (LACAN, 1998, p. 869-892). Badiou se insere no debate, justamente no ano em que a revista *Cahiers pour l’analyse*

JOSÉ MAURO GARBOZA JÚNIOR  
LUIZ GUILHERME NUNES CICOTTE

publicou sua edição final. “A marca e a falta” é o texto no qual o autor apresenta suas críticas a esse problema. Desde o início, é essencial compreender que a crítica de Badiou não se limita a um ataque ao texto específico de Miller, trata-se, na verdade, de uma contestação mais ampla, direcionada ao conjunto da doutrina lacaniana (TUPINAMBÁ, 2024, p. 60).

Outro ponto relevante é a forma dessa crítica: ela não se configura como uma rejeição total, mas como uma contestação pontual e cuidadosa. No entanto, o que Badiou efetivamente faz é questionar a solidez da solução proposta por Miller, sem apresentar uma alternativa à altura. Sua própria elaboração sobre a articulação entre psicanálise e política que mais tarde será formulada através da noção dos “procedimentos genéricos” só viria à tona duas décadas depois (BADIOU, 1996, p. 259-270). Em 1969, sua contribuição se limita a um argumento contra a extrapolação indevida da lógica do significante para áreas fora do campo psicanalítico. Por isso, seu texto se inicia com uma crítica incisiva, dizendo que de seu ponto de vista, tanto a leitura ideológica que Frege fez de sua própria obra quanto a apropriação dessa leitura pelos termos do significante, da falta e do lugar-da-falta, acabam por ocultar a natureza essencialmente produtiva do processo posicional da lógica (BADIOU, 1969, p. 150). A lógica do significante, nesse contexto, se revela como uma metafísica, uma representação da representação (TUPINAMBÁ, 2024, p. 60). Isso significa, em termos práticos, que a psicanálise passa a se posicionar como instância autorizada a julgar os limites e as capacidades da lógica a partir de uma perspectiva que se pretende privilegiada. Nesse movimento, o projeto acaba por se tornar uma ideologia própria, na medida em que encobre a dimensão produtiva da lógica e da matemática, ou seja, sua legitimidade e autonomia como formas de pensamento em si mesmas (TUPINAMBÁ, 2024, p. 60).

O ponto crucial é que Badiou, ao criticar o uso que Miller faz de Frege, não tem como objetivo negar a validade da psicanálise nem da formalização proposta por Miller sobre seu funcionamento lógico interno. O que está em jogo é, sobretudo, a contestação da tentativa de Miller de estender tal formalização para além da psicanálise, de aplicá-la, com o mesmo rigor, a outros campos e práticas discursivas. Badiou se pergunta, então, se se deve anular o conceito de sutura, ou, ao contrário, designar-lhe uma função e um destino próprios (BADIOU, 1969, p. 161). Seria preciso avaliar com clareza o que está em jogo: a possibilidade de articular o materialismo histórico com a psicanálise. O primeiro produz a topologia das ordens singulares de significantes (as ideologias), enquanto a segunda fornece as estruturas de sua eficácia, as leis de entrada e de conexão que determinam como os lugares

definidos pela ideologia são, ao fim, ocupadas (BADIOU, 1969, p. 162). Assim, afirmar que a diferença entre ciência e ideologia pode ser apagada por uma lógica oscilante de interação, e nomear um sujeito da ciência, significa justamente impedir a conjunção entre Marx e Freud, que só seria possível por meio de sua disjunção (TUPINAMBÁ, 2024, p. 61).

De um lado, Badiou sustenta que não é necessário abrir mão dos avanços obtidos com a formalização da lógica do significante enquanto estrutura interna à própria psicanálise. A dificuldade, segundo ele, está na definição adequada do campo a que essa lógica pertence, ou seja, no reconhecimento claro de seus limites e da sua área legítima de aplicação (BADIOU, 1969, p. 162). De outro lado, Badiou argumenta que não deveríamos almejar a construção de um “discurso teórico” que venha a unir, de forma afirmativa, a psicanálise ao marxismo (BADIOU, 1969, p. 162). Ao invés dessa fusão direta, o que ele propõe é que o que realmente importa não é a junção dos dois discursos, mas sua compossibilidade. Uma união autêntica entre ambos implica justamente a conservação de suas estruturas internas, partindo do princípio de que eles não carecem de nada que já não consigam produzir por si mesmos em outros contextos (TUPINAMBÁ, 2024, p. 61). A política, nesse sentido, deve ser compreendida como um modo de pensamento que ultrapassa a dualidade entre teoria e prática, funcionando como um procedimento dotado de meios próprios para formular e enfrentar suas questões fundamentais de maneira imanente. Ela não depende de outros campos disciplinares para ser instruída ou limitada por algo que lhe seria externo – uma condição que também se aplica, de forma generosa, à psicanálise.

Ainda assim, resta saber se essa mesma autonomia de fato se verifica no campo analítico. O argumento de Badiou contra a doutrina lacaniana, tal como sistematizado por Tupinambá (2024, p. 61), se organiza em três etapas principais. O ponto de partida da crítica está na formulação de um contraexemplo à proposta de Miller, o que, por si só, já é suficiente para abalar sua pretensão de validade universal.

A primeira etapa consiste na afirmação de que é fundamental separar a prática efetiva da lógica de sua representação teórica ou discursiva. Com base nessa distinção inicial, Badiou passa a estruturar uma diferenciação interna entre os momentos constitutivos do funcionamento lógico, identificando, a partir da lógica matemática, especialmente do trabalho de Alonzo Church (1965, p. 1-68), *Introduction to Mathematical Logical*, três operações fundamentais que caracterizam a prática da lógica em si (TUPINAMBÁ, 2024, p. 61).

JOSÉ MAURO GARBOZA JÚNIOR  
LUIZ GUILHERME NUNES CICOTTE

Como já mencionado, Badiou parte da premissa de que (1) é necessário distinguir a prática da lógica de sua representação discursiva. Essa distinção inicial constitui o ponto de partida para uma análise mais rigorosa dos mecanismos internos da lógica enquanto prática autônoma. A partir dela, Badiou propõe uma diferenciação interna da própria prática lógica, descrevendo os três mecanismos imanentes que a compõem, conforme delineados na tradição da lógica matemática. Assim, ele identifica (2) três processos fundamentais que operam no interior do mecanismo lógico: (a) o processo de concatenação, responsável por organizar os elementos pré-processados em sequências finitas; (b) o processo de formação, que distingue, segundo regras sintáticas específicas, quais dessas sequências constituem expressões bem-formadas e quais são malformadas; e, por fim, (c) o processo de derivação, que opera sobre o conjunto de expressões bem formadas para dividi-las entre proposições deriváveis (teses) e não deriváveis (não-teses), estabelecendo também um operador lógico que articula essas duas classes, uma vez que a negação de uma não tese deve resultar em uma tese derivável (TUPINAMBÁ, 2024, p. 61–62). A razão pela qual Badiou insiste nessa distinção técnica torna-se evidente no terceiro e derradeiro momento de sua argumentação, o qual, curiosamente, se mostra muito mais modesto e direto do que a formulação complexa apresentada por Miller. Trata-se (3) da ocorrência de contradições no nível das derivações só é possível porque o processo de formação subjacente se mantém absolutamente consistente. Em outras palavras, as contradições que podem emergir no interior de uma teoria formal (no nível do “conteúdo” das proposições) estão subordinadas a uma estrutura anterior e bem definida, que consiste na distinção precisa entre expressões bem formadas e expressões malformadas. Essa distinção é o que torna viável a constituição de um espaço formal em que enunciados contraditórios possam ser produzidos e avaliados (TUPINAMBÁ, 2024, p. 62).

Apesar de “A marca e a falta” nos obrigar a reconsiderar os fundamentos do argumento proposto por Miller em “Sutura”, ele não aborda de forma direta a relação entre o logicismo e o modo como Frege articula a lógica com a teoria dos números. Por essa razão, uma crítica mais abrangente à lógica do significante precisa recorrer ao *Sobre o conceito de modelo* de Badiou (TUPINAMBÁ, 2024, p. 63).

Nesse texto, Badiou (1968, p. 51) propõe uma distinção entre três modos pelos quais a noção de modelo ou de modelagem formal pode operar dentro de um discurso. O primeiro é como noção, onde modelos são tomados como representações de estruturas presentes em fenômenos concretos – o exemplo típico aqui seria o estruturalismo, para o qual sistemas

formais descrevem ou espelham arranjos objetivos do mundo real (BADIOU, 1968, p. 53-68). O segundo modo é como categoria, caso em que os modelos passam a funcionar como critérios normativos, é o caso do positivismo lógico, que propõe que a matemática possa funcionar como um ideal formal a partir do qual julgar a adequação ou correção de situações empíricas (BADIOU, 1969, p. 69-80). Nesse sentido, o formalismo teria uma função prescritiva em relação ao material que representa. A terceira forma, porém, é a mais relevante para Badiou: o modelo aparece como um conceito em sentido pleno, isto é, quando ele opera internamente à própria matemática. Nesse contexto, o modelo não tem um papel representacional ou normativo em relação a algo exterior a ele, mas constitui um elemento fundamental no funcionamento da matemática enquanto prática autônoma (BADIOU, 1969, p. 69-149).

O ponto que Badiou deseja destacar com essa tripla distinção é que apenas na aceção conceitual, no interior da própria matemática, é possível captar a lógica específica da modelagem formal, em especial sua característica antifundacional (TUPINAMBÁ, 2024, p. 63). Ao contrário de fornecer uma base última e segura para o saber, a modelagem matemática revela justamente a ausência de um fundamento absoluto, o que desestabiliza qualquer pretensão de totalização discursiva a partir dela.

Tupinambá (2024, p. 63) prossegue sua exposição de *Sobre o conceito de modelo*, destacando a tese central de Badiou de que tanto a noção quanto a categoria de modelo dependem de uma substancialização indevida da separação entre o modelo e aquilo que ele modela (BADIOU, 1968, p. 14-23). Em outras palavras, essas abordagens tratam a distinção entre o sistema formal e aquilo que ele representa como se essa diferença fosse natural e essencial, cristalizando a separação entre sintaxe (as regras e estruturas formais) e semântica (os conteúdos ou fenômenos que seriam representados por essas estruturas). No caso do estruturalismo, por exemplo, os formalismos são frequentemente tomados como representações de algo que lhes é exterior, como se descrevessem estruturas subjacentes a fenômenos concretos. É o caso das análises que associam sistemas de parentesco de sociedades específicas a grupos algébricos, como os grupos de Klein: aqui, o formalismo é lido como um espelho da realidade. O modelo formal seria então uma estrutura semântica pura para uma sintaxe supostamente já inscrita no mundo natural, uma espécie de “gramática da realidade”.



JOSÉ MAURO GARBOZA JÚNIOR  
LUIZ GUILHERME NUNES CICOTTE

Já o positivismo lógico opera de forma inversa, mas igualmente problemática: ele trata a realidade como se fosse apenas uma coleção de conteúdos que se encaixam (ou não) em sistemas formais previamente dados (BADIOU, 1968, p. 69-80). Assim, lógica e matemática são reduzidas a jogos sintáticos, cuja função é servir de critério normativo para avaliar o uso correto ou incorreto de conceitos tanto na filosofia quanto no cotidiano da linguagem (TUPINAMBÁ, 2024, p. 63-64). Em ambas as abordagens, o modelo é concebido como uma ponte entre dois domínios distintos e substancializados das estruturas formais e dos conteúdos representados.

No entanto, o que essas interpretações não reconhecem é que, no interior da própria matemática, a prática da modelagem formal não envolve essa separação entre campos heterogêneos (BADIOU, 1968, p. 123-149). Ao contrário: na matemática, modelos funcionam como instrumentos internos de articulação entre diferentes regiões do mesmo campo teórico (TUPINAMBÁ, 2024, p. 64). A álgebra pode servir de modelo para certos aspectos da lógica, a geometria pode modelar estruturas algébricas, e assim por diante. Em suma, o modelo matemático, entendido como conceito, não representa algo fora dele mesmo, mas opera de modo relacional e imanente, revelando a potência crítica e antifundacional da modelagem dentro do pensamento formal.

Um último ponto a ser destacado é a relevância do conceito de modelo para a prática da própria matemática. Os modelos matemáticos permitem que a matemática, enquanto prática, se represente internamente, utilizando mediações que são do mesmo estofado das estruturas que ela própria produz. Esse conceito se conecta diretamente ao comentário anterior de Badiou sobre a autonomia da lógica e sua dimensão “puramente produtiva” (TUPINAMBÁ, 2024, p. 64). A lógica não é uma representação de algo externo, mas uma prática produtiva e autorreferencial, em que as próprias regras e operações do sistema matemático são geradas de dentro para fora.

Essa compreensão do modelo como uma prática que reflete sobre si mesma, sem recorrer a externalidades ou substancializações, conduz-nos de uma crítica específica a Miller para uma crítica ao próprio Lacan. A proposta de Gabriel ajuda a redefinir a relação entre os discursos da psicanálise e da lógica, colocando em questão não apenas as generalizações de Miller, mas também as premissas fundamentais do próprio Lacan sobre a articulação entre lógica e psicanálise.

## Conclusão

Na introdução, mostramos que *O desejo de psicanálise* reativou o debate a partir da hipótese de que o desejo de psicanálise constitui uma dimensão fundamental do procedimento analítico, destacando que esse desejo se refere ao que, na psicanálise, permanece como um “outro” em relação ao seu pensamento atual. Para isso, Tupinambá mobilizou e articulou a noção de desejo de psicanálise com os limites da clínica, da metapsicologia e das instituições. A partir disso, sustentamos que a psicanálise lacaniana manteria a atualidade do estruturalismo, e que a obra de Tupinambá ilustraria essa permanência ao propor uma reflexão que atravessa teoria e prática, tomando como método a análise das relações entre Lacan, Miller e Badiou, especialmente no que diz respeito à lógica do significante.

Na seção sobre os impasses da ideologia lacaniana, mostramos que Tupinambá destacou a tendência da psicanálise lacaniana de estender suas categorias para além do campo clínico, teórico e institucional, sem renovar de fato suas práticas, para destacar que essa expansão resultou em uma forma de fechamento do pensamento psicanalítico, que passou a operar como juíza de outros saberes, ignorando o que esses poderiam lhe ensinar. Ao contrário do marxismo, que gerou intérpretes criativos ao longo do tempo, a psicanálise lacaniana permaneceu presa à repetição de Lacan e Freud, frequentemente inibindo o surgimento de novas ideias com o recurso a um “retorno a Lacan”. Tupinambá defendeu que a psicanálise deve ser compreendida como um pensamento e que será necessário, em algum momento, romper com essa estratégia defensiva para que se possa continuar sendo verdadeiramente lacaniano.

Na seção sobre a origem da ideologia lacaniana, mostramos que, para destacar que a ideologia lacaniana nasceu de um movimento que ultrapassou os limites da psicanálise clínica, Tupinambá reconstruiu a ruptura de Lacan com a IPA nos anos 1960 como ponto de partida, evidenciando o papel central de Miller e do Círculo de Epistemologia na formulação de uma lógica do significante que buscava articular a psicanálise com a política marxista. Demonstramos que Miller não apenas representou Lacan, mas reformulou sua obra ao construir uma lógica discursiva geral, inspirada no logicismo de Frege, que buscava abranger tanto a psicanálise quanto o marxismo sob um mesmo princípio teórico. A estratégia de Miller consistiu em ampliar o campo da psicanálise de forma assimétrica, sem recorrer a um terceiro mediador, fundando assim uma ideologia ao estender seu domínio a outras áreas,

transformando um problema lógico-filosófico em estrutura normativa da clínica e, potencialmente, de toda prática discursiva. Essa universalização da lógica do significante exigiu um logicismo necessário como base para toda filosofia da ciência, revelando os riscos ideológicos de uma teoria que, ao propor-se como “a lógica da origem da lógica”, obscurece a especificidade dos campos referidos.

Na seção sobre a generalização imprópria da lógica do significante, mostramos que, para destacar que a generalização da lógica do significante para além da psicanálise constitui um uso indevido dessa estrutura, Badiou, segundo a leitura de Tupinambá, criticou a proposta de Miller ao mostrar que sua formalização não podia ser estendida legitimamente a outros campos como a política ou a lógica matemática. Badiou argumentou que a psicanálise, ao se apropriar da lógica do significante como base universal, incorreu em uma forma de metafísica, obscurecendo a produtividade autônoma da lógica formal, ao ressaltar que a lógica, enquanto prática, se baseava em operações técnicas internas como concatenação, formação e derivação, e que qualquer contradição lógica só poderia emergir dentro de um sistema formal já estabilizado. Além disso, Badiou contrapôs ao modelo de Miller uma concepção da lógica como prática interna, autorreferente e antifundacional, crítica tanto ao estruturalismo quanto ao positivismo lógico. Dessa forma, sua crítica não se limitou a Miller, mas alcançou o próprio Lacan, ao questionar as premissas que sustentavam a articulação entre lógica e psicanálise, propondo em seu lugar uma relação de compossibilidade entre discursos distintos (como o marxismo e a psicanálise) sem fundi-los em um sistema teórico unificado.

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho corrobora a hipótese de que o desejo de psicanálise, tal como formulado por Tupinambá, permite reativar criticamente o estruturalismo no campo psicanalítico em relação ao pensamento psicanalítico atual. Mostramos que esse desejo não se traduz em um simples retorno às origens, mas em uma disposição de confrontar os impasses internos à tradição lacaniana, revelando os limites ideológicos da expansão discursiva promovida por seus desdobramentos institucionais. A crítica de Badiou, tal como mobilizada pelo autor, fortalece esse diagnóstico ao indicar os perigos da metafísica implícita nessa generalização, propondo em contrapartida uma pluralidade de práticas teóricas autônomas. Assim, *O desejo de psicanálise* evidencia que a permanência do estruturalismo na psicanálise lacaniana só pode ser pensada por meio de sua reconfiguração crítica, ao sustentar a tensão entre o dentro e o fora da psicanálise, constitui uma operação essencial para sua renovação teórica e prática.

## Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica*. Tradução de Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ALTHUSSER, Louis. *Por Marx*. Tradução de Maria Leonor F. R. Loureiro. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BADIOU, Alain. Marque et manque: à propos du zéro. *Cahier pour l'analyse*, v. 10, n. 8, 1969, p. 150-173.
- BADIOU, Alain. *O ser e o evento*. Tradução de Maria Luiz X. de A. Borges. Revisão técnica de Márcio Souza Gonçalves, Ieda Tucherman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. & Ed. UFRJ, 1996.
- BADIOU, Alain. *Infinite thought: truth and the return of philosophy*. Tradução de Oliver Feltham; Justin Clemens. Nova York/Londres: Continuum, 2004.
- BLANCHÉ, Robert. *Axiomatics*. Londres: Routledge, 1965.
- BONIFACE, Jacqueline. Leopold Kronocker's conception of the foundations of mathematics. *Philosophia Scientiae*, v. 9, n. s2, 2005, p. 143-156.
- DELEUZE, Gilles. Como reconhecer o estruturalismo. In: CHÂTELET, François (org.). *História da Filosofia: o século XX*. Vol. 4. Tradução de José Alonso Furtado. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 257-294.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 2ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DOSSE, François. *História do estruturalismo*, v. 1: o campo do signo, 1945/1966. 2ª edição. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio, 1993.

DOSSE, François. *História do estruturalismo*, v. 2: o canto do cisne, de 1967 aos nossos dias. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio, 1994.

FERREIRÓS, José. *Labyrinth of thought: a history of set theory and its role in modern mathematics*. Basel: Birkhäuser, 2007.

FREGE, Johan Gottlob. *Os fundamentos da aritmética: uma investigação lógico-matemática sobre o conceito de número*. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: LF Editorial, 2023.

HALLWARD, Peter; PEDEN, Knox. *Concept and form*. Londres: Verso, 2012.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MILLER, Jacques-Alain. La suture (Éléments de la logique du signifiant). *Cahier pour l'analyse*, v. 1, n. 3, 1964, p. 37-49.

MILLER, Jacques-Alain. Action de la structure. *Cahier pour l'analyse*, v. 9, n. 6, 1968, p. 93-105.

OTA, Nilton Ken. O social e suas vicissitudes na psicanálise lacaniana. *Tempo Social*, v. 23, n. 1, p. 137–165, 2011.

TUPINAMBÁ, Gabriel. *O desejo de psicanálise: exercícios do pensamento lacaniano*. 1ª edição. Tradução de Gabriel Lisboa Pinciano. São Paulo: Boitempo, 2024.

ZIZEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão técnica de Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ZIZEK, Slavoj. *Surplus-Enjoyment: a guide for the non-perplexed*. Londres: Bloomsbury, 2022.